

# Conjunto Nacional aos 30

MILENA GALDINO

Para o gaúcho Olivan Porciúncula, Conjunto Nacional de Brasília (CNB) é sinônimo de casa. "Chego aqui às 7h, todos os dias sem falta, desde que o shopping foi construído", diz o artesão, que virou uma espécie de cartão-postal do lugar.

Engana-se, porém, quem pensa que Olivan tem chefe, carteira assinada ou cartão de ponto. "Meu trabalho é fazer argolinhas de metal para me distrair e ficar nas filas dos bancos para os vendedores das lojas", explica o "office-boy" de 65 anos, que cobra R\$ 0,50 por documento pago e distribui gratuitamente suas argolas de chaves.

Enquanto as portas dos bancos não abrem, Olivan estuda teoria musical no livro comprado há uma semana por R\$ 19. "Daqui a dez anos vou estar craque no violão, que espero comprar em breve", sonha.

Por dia, ele arrecada cerca de R\$ 17, salário usado para pagar os R\$ 150 cobrados pela pensão onde vive e as refeições de R\$ 2. "Venho aqui desde 1972; antes por hobby, agora por hobby e trabalho", orgulha-se o artesão, jurando que nunca trocaria o velho shopping por outro. "Os novos são fechados, com ar condicionado; só aqui ainda tem ar fresco", reclama.

Além de Olivan, outras 70 mil pessoas, em média, entram diariamente no Conjunto Nacional, que em novembro comemora 30 anos de funcionamento esbanjando o título

de "segundo mais antigo do país" (o primeiro a ser inaugurado foi o Anhembi, de São Paulo).

A festa de novembro, contudo, será antecipada para sexta-feira, por causa do aniversário de Brasília. "Abriremos a temporada com queima de fogos de 12 minutos e shows de rock", antecipa Hélio Ribeiro, gerente-geral do CNB, ressaltando que hoje já serão abertas duas mostras, uma indígena e a outra do acervo do Museu Vivo da Memória Candanga.

"Teremos 45 fotos e objetos usados desde a missão Cruz, de 1892 - quando Floriano Peixoto mandou uma comissão demarcar o futuro Distrito Federal -, até 1957, auge da construção de Brasília", afirma Marta Benévolo, diretora do Museu.

**Lembranças** - A administração do CNB cataloga, desde o início do ano, dados históricos sobre a construção e os primeiros anos do prédio, temendo que em poucas décadas não haja mais pioneiros vivos para contar histórias.

Uma das fontes da pesquisa é o ascensorista Antônio Alves Lima, o funcionário mais antigo, cuja carteira foi assinada pelo shopping em outubro de 1971. "Levanto às 5h para dar tempo de caprichar no visual e venho do P Sul, onde moro, para o Plano Piloto", conta o cearense de Ipú.

O primeiro trabalho é no hospital de Clínicas, localizado na Asa Norte. "Assumo meu elevador aqui às 14h e só saio seis horas depois", diz o aposentado que ainda está na ativa para comple-

tar um orçamento de R\$1,1 mil.

Órfão desde cedo, Lima chegou a Brasília aos 16 anos, em novembro de 1960. "A cidade virou minha mãe e o CNB o meu pai, já que aqui aprendi tudo o que sei", diz. E sabiamente compara: "A postura das pessoas no elevador é como a dos fiéis na missa, todo mundo fica de pé, olhando para frente com a cabeça pouco inclinada para cima, esperando algo acontecer", observa.

Bem-humorado, Lima não se irrita com a quantidade de celulares que tocam simultaneamente no cubículo. "Às vezes três ou quatro pessoas usam o telefone ao mesmo tempo no meu elevador, mas não me importo. Ruim mesmo é ouvir chateação das madames que chegam atrasadas para o dentista e querem descontar a pressa na gente", reclama, explicando que a pequena cabine é como a sala de sua casa. "Recebo bem todo mundo, desde o bebê até o senhor de cem anos", diz.

Entre as personalidades que já passaram pelo "seu" elevador, Lima enumera desde Simony e Jairzinho do Baão Mágico -, até o ex-presidente José Sarney. "Mas minha cabine é democrática, aqui todo mundo é igual", afirma, confessando o prazer de ouvir conversas de elevador, principalmente piadas, casos de mulheres traídas e resumos das novelas. "O duro é que a maioria sai contando o resto da história, e eu nunca fico sabendo do final", ri o homem de cabelos brancos que foi poucas vezes à escola.

## TRÊS ETAPAS

● O CNB foi construído em três etapas. A primeira, em 1971, inaugurou o Jumbo (atual Pão de Açúcar) e as Lojas Pernambucanas. Três anos depois foi feita a Ala Central, cuja maior loja era a Lobrás. A Ala Norte, terminada em 1977, trouxe a Sears como seu carro-chefe. Nenhuma destas lojas existe hoje em dia.

● A loja mais antiga que sobrevive até hoje é A Fenac, que comercializa sapatos desde 1972 no CNB. Com renda bruta mensal de aproximadamente R\$ 85 mil, a empresa tem sete funcionários e paga R\$ 6 mil de aluguel.

● Recentemente foram gastos R\$ 500 mil no novo circuito interno de tevê, que com 54 câmeras cobre os corredores do CNB.

● O CNB responde por 45% das compras em shoppings, segundo pesquisa encomendada pela própria administração.

● O shopping tem 56 mil metros quadrados de área bruta locável. Há 320 lojas, distribuídas por três pisos, e 410 salas, além de uma garagem capaz de abrigar quase mil carros de uma só vez.

● O faturamento de todas as lojas em 2000 somou R\$ 371 milhões. Este ano, deve atingir R\$ 390 milhões.